

TEORIA PSICANÁLITICA: a afetividade na relação professor- aluno.

FONTES, Karolayne da Silva¹
PILLATT, Líbera Raquel. Bazzan²
JÚNIOR, César Augusto Danelli³
ROVANI, Iolanda Gouveia⁴
PILLATT, Fábio Roberto⁵

Resumo: O presente artigo busca discutir sobre a influência da afetividade na relação professor-aluno nos anos iniciais do ensino fundamental. Deste modo, buscou-se conhecer o significado da afetividade na relação entre educador e educando, compreender sua importância nesta relação e analisar como a afetividade influencia no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, considerando as teorias psicanalíticas. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico para compreender quais as relações que a psicanálise atribui à educação, além de abordar a afetividade a partir do fenômeno transferencial. Em seguida, buscou-se por meio de um questionário direcionado à dezoito professores dos anos iniciais de uma escola da rede municipal de ensino de Balsas-MA, analisar quais os seus entendimentos sobre a temática e se consideravam o aspecto afetivo como fator indispensável no ensino dos educandos. Observa-se que os professores entendem que os aspectos afetivos e cognitivos não podem ser trabalhados separadamente, mas ainda se faz necessário uma compreensão a respeito da afetividade direcionada ao ambiente escolar, uma vez que esta é uma palavra possível de diversas interpretações.

Palavras-chave: Afetividade, Psicanálise, Relação professor-aluno, Transferência, Aprendizagem.

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Balsas-Unibalsas. E-mail:fontesk202@gmail.com

² Doutoranda em Educação nas Ciências (Formação de Professores) pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí/RS. Mestre em Educação nas Ciências (Educação Popular) pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí/RS. Atualmente é professora na Faculdade de Balsas- Unibalsas/MA e Coordenadora da Comissão Própria de Autoavaliação Institucional - CPA e Editora da Revista Científica da Faculdade de Balsas – Unibalsas/MA. E-mail: pillatt.libera@gmail.com

³ Doutorando em Educação nas Ciências (Filosofia) pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí/RS. Mestre em Educação nas Ciências (Filosofia) pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí/RS. Atualmente é professor na Faculdade de Balsas-Unibalsas/MA. E-mail: cesardanelli@gmail.com

⁴ Mestre em Ciências da Educação e da Formação pela Universidade do Alentejo – UALG/Portugal. Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Atualmente é professora e Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Balsas - Unibalsas/MA e Coordenadora do Departamento de Educação Infantil do Município de Balsas/MA. E-mail: iolanda38rovani@hotmail.com

⁵ Doutor e pós-doutor em Educação nas Ciências pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí/RS. Mestre em Ciências da Computação pela Universidade federal de Campina Grande – UFCG. Atualmente é professor da Faculdade de Balsas – Unibalsas/MA e Coordenador o Núcleo de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão –NPPGE. E-mail: pillatt@gmail.com

Abstract:

This paper aims to discuss the influence of affectivity in the teacher-student relationship in the early years of elementary school. In this way, it seeks to know the meaning of affectivity in the relationship between educator and student, understand its importance in this relationship and analyze how affectivity influences the teaching and learning process of students, considering psychoanalytic theories. To do that, a bibliographic study was carried out to understand the relationships that psychoanalysis attributes to education, in addition to addressing affectivity from the transference phenomenon. Then, through a questionnaire aimed at eighteen teachers from the early years of a public elementary school in the city of Balsas, state of Maranhão, it was sought to analyze their understandings on the theme and whether the affective aspect was considered an indispensable factor in the teaching students. It is observed that teachers understand that the affective and cognitive aspects cannot be worked on separately, but it is still necessary to understand the affectivity directed to the school environment, since this is a possible word of different interpretations.

Keywords: Affectivity, Psychoanalysis, Teacher-Student Relationship, Transfer, Learning.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente a temática sobre afetividade vem ganhando espaço nos debates educacionais pelos autores GOMES (2013), LEITE (2012), NOGUEIRA et.al. (2013) e OLIVEIRA (2015), uma vez que a mesma é considerada um instrumento fundamental para o desenvolvimento intelectual dos educandos. Sendo a afetividade, na perspectiva de GOMES (2013), aquilo que afeta, o estado de afecção e que abrange as diversas interações sociais, percebe-se a sua importância da sua compreensão no ato educativo. Levando em consideração que na escola se encontra uma diversidade cultural e que cada aluno possui com base em suas experiências uma forma de ver e compreender o mundo, o professor deve nas suas práticas pedagógicas partir da realidade na qual esses alunos fazem parte. Em vista disso, essa pesquisa busca verificar a partir da teoria psicanalítica criada por Sigmund Freud entre os séculos XIX e XX, como a afetividade entre professor e aluno contribuem para o processo de ensino e aprendizagem.

Logo, entende-se que a relação entre professor e aluno está demarcada pela afetividade quando estes interagem entre si. Com isso, para que possam estreitar vínculos, é imprescindível que estejam sempre dialogando, buscando atender as necessidades de ambos. A postura do professor na sala de aula e a maneira como lida com o objeto do conhecimento, afeta direta ou indiretamente os alunos. Dado o exposto, a psicanálise aborda a afetividade na relação professor-aluno a partir da transferência. Segundo Freud (1914), a transferência é um fenômeno percebido nas diversas relações humanas e que muitos estudiosos da psicanálise usam para fundamentar a relação professor-aluno, a

mesma consiste nos desejos inconscientes experimentados nas primeiras relações das crianças, geralmente com os membros familiares.

Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo geral verificar com base no viés psicanalítico a influência da afetividade, na relação professor-aluno, e suas implicações para a aprendizagem. Tendo como objetivos específicos: a) conhecer o significado da afetividade na relação professor-aluno e suas implicações no processo de aprendizagem; b) compreender a importância da afetividade na relação professor-aluno; c) verificar como a afetividade influencia no processo de ensino e aprendizagem, considerando as teorias psicanalíticas.

Diante o exposto, a pesquisa foi realizada por etapas. Onde em primeiro instante buscou-se apoio em livros e artigos que contribuíssem para a fundamentação teórica da pesquisa. Em segundo momento, foi utilizado para a coleta de dados um questionário com 10 (dez) perguntas mistas, direcionado aos professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública do Município de Balsas- MA. O grupo de amostragem correspondeu a 23 (vinte e três) professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que atuam no turno matutino, com intuito de perceber o entendimento destes docentes quanto a afetividade e suas posturas diante das diversas atividades realizadas em aula.

2. METODOLOGIA

Este trabalho cujo tema debate sobre “A afetividade na relação professor-aluno no contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir da teoria psicanalítica”, foi desenvolvido por meio de uma abordagem metodológica qualitativa de caráter exploratório. Por pesquisa qualitativa entende-se a abordagem que estuda os aspectos dos fenômenos sociais, não tem uma preocupação com a representatividade numérica, uma vez que busca ter uma melhor compreensão de um fato levando em consideração a perspectiva dos participantes inseridos em determinado contexto. Neste sentido, no livro sobre Métodos e técnicas de pesquisa social, o autor Gil (2008, p.27) afirma que a pesquisa de cunho exploratório tem como principal finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Assim, a pesquisa foi realizada por etapas, em primeiro instante buscou-se conhecimentos em livros e artigos científicos, para fundamentar o tema pesquisado, dialogando com autores que possuem escritos sobre a temática. Em segundo momento, foi utilizado para a coleta de dados um questionário com 10 (dez) perguntas mistas, direcionado aos professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública do Município de Balsas- MA. O grupo de amostragem correspondia 23 (vinte e três) professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que atuam no turno matutino, mas observou-se na devolutiva do questionário que apenas 18 (dezoito) professores submeteram seus posicionamentos na pesquisa.

Para a aplicação do questionário, foi utilizado o “Google Forms” como meio de coletar os dados necessários para a pesquisa. Esta ferramenta foi escolhida para alcançar o máximo de professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, numa escola da rede municipal de Balsas -MA, para conhecer a perspectiva dos professores foi enviado o link do questionário com perguntas mistas, de modo que os docentes pudessem escrever seus entendimentos sobre a temática de pesquisa.

3. O SIGNIFICADO DE AFETIVIDADE

A partir das leituras realizadas para a construção deste artigo sobre “O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais” da pesquisadora Cláudia Gomes (2013) e “Afetividade nas práticas pedagógicas” de Sérgio A. Leite (2012), entende-se que a afetividade é um elemento fundamental na relação educativa, na medida em que possibilita um clima favorável à construção do conhecimento. É primordial entender o significado da afetividade, sobretudo na relação professor e aluno, ou seja, conhecer a sua “razão de ser” nas interações entre os sujeitos. O autor Pino (1997) a partir da matriz histórico-cultural, onde o afetivo é abordado por meio das relações humanas bem como nas produções sociais e históricas, sustenta a ideia de que a afetividade se baseia em experiências subjetivas que se traduzem na forma como cada sujeito é afetado pelos acontecimentos da vida. Assim,

[..] a afetividade é um conceito mais amplo, constituindo-se mais tarde no processo de desenvolvimento humano, envolvendo vivências e formas de expressão mais complexas, desenvolvendo-se com a apropriação, pelo indivíduo, dos processos simbólicos da cultura, que vão possibilitar sua representação (LEITE, 2012 p. 06).

Logo, a afetividade vai além das trocas de carinho entre os indivíduos, fundamenta-se também da significação e interpretação dos símbolos. Neste sentido, o afeto é um ato indispensável em qualquer relação humana. Ademais, compreende-se que

Afeto diz respeito àquilo que afeta, ao que mobiliza, por isso reporta à sensibilidade, às sensações. Podemos, ainda, referir afeto como ser tomado por, atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Esse atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter de afecção (GOMES & MELLO, 2010, p.684 apud GOMES, 2013, p. 6).

A afecção pode provocar no sujeito alterações nas suas formas de pensar e agir no mundo, quer dizer, produz variáveis reações na medida em que vamos experienciando acontecimentos. De acordo com Vygotsky (1994), é por meio da interação com o outro que a criança incorpora os instrumentos culturais, ao destacar a importância das relações sociais o autor defende a ideia de mediação e internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem. Igualmente, as relações sociais e culturais existentes entre professor e aluno contribuem para um aprendizado significativo a partir do momento em que ambos estejam dispostos a interagir e trocar experiências no processo de ensino e aprendizagem.

Considerando a teoria psicogenética de Henri Wallon, a afetividade caracteriza-se por um conjunto que envolve três aspectos, são eles: as emoções, os sentimentos e a paixão. Para Souza (2011) as emoções estão associadas a manifestações de estados subjetivos, ou seja, constitui também em uma conduta de raízes na vida orgânica. Já os sentimentos estão acompanhados aos elementos simbólicos, possíveis de representações, por exemplo, ao se recordar de uma pessoa o sujeito sente saudades de determinado momento que vivenciaram. Enquanto na paixão se percebe o aparecimento do autocontrole, que implica observar a situação e agir de maneira a atender as necessidades afetivas pessoais, isto é, o indivíduo começa a controlar os seus sentimentos.

Além dos estudos de Wallon, percebe-se também representações de afeto em diversas situações dos estudos psicanalíticos, por vezes atrelados às pulsões sexuais. De acordo com Souza (2011), a teoria psicanalítica surgiu em 1980 a partir dos estudos de Sigmund Freud (1856- 1939) que centrou seus trabalhos nos pacientes com sintomas neuróticos ou histéricos, onde apresentou fundamentos que tais sintomas poderiam ser tratados por meio das palavras. Consequente desenvolveu diferentes conceitos, considerados termos essenciais da psicanálise, dentre eles: a definição do inconsciente como sendo uma parte da psique humana, estando concentradas ideias reprimidas que

aparecem disfarçadas nos sonhos; a conceituação dos sonhos apontada como caminho de acesso ao inconsciente; e também a ideia de pulsão, visto como conceito situado entre o psíquico e o somático.

Dado o exposto, para os autores Laplanche e Pontalis (2001) os afetos, na psicanálise, são constituídos pelos impulsos dados por representações qualitativas da quantidade de energias pulsionais, geralmente associadas a um desejo. Neste sentido,

Freud está inscrito no grupo daqueles que relevam a paixão e propõe a sua escuta. Ele releva o humano como marcado pela pulsão entendida como expressão do somato e do psíquico, do corpo e da representação. O corpo constitui-se na fonte das excitações, às quais as representações se agregam, permitindo-nos assim o acesso aos afetos e às emoções e explicitando o plano singular e o coletivo (SOUZA, 2003, p. 8).

Logo, o afeto é um estado afetivo que tanto pode ser penoso ou agradável, quanto vago ou qualificado. Além disto, nota-se também a afetividade atrelada nas situações de transferência que o sujeito faz a partir de experiências do passado, por exemplo, os alunos transferem aos professores expectativas e respeitos que nutrem as relações com seus pais. Embora o conceito de afetividade não seja específico das teorias psicanalíticas, é notório que a mesma se apresenta em diferentes circunstâncias e carregada de muitos sentidos.

3.1 A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Percebe-se que a educação passou por diversas mudanças, conseqüentemente o modo como os professores e alunos se relacionavam também sofreram alterações. No ensino tradicional, por exemplo, o aluno era visto como um sujeito passivo, onde lhe cabia apenas ouvir e reproduzir aquilo que era instruído (GOMES, 2013). Deste modo, o educador se tornava o centro no processo de ensino e aprendizagem, aquele que ensina quem não sabe. Contudo, nota-se que atualmente a maneira de conduzir a aprendizagem é diferente, já que o aprendizado ocorre tanto com as relações entre os sujeitos, como também por meio dos diversos objetos de conhecimento.

Diante disso, a escola é um espaço em que se encontram dois sujeitos, o educador e o educando os quais, segundo as teorias psicanalíticas, são imbuídos de desejos e afetos inerentes à condição humana (PEREIRA, 2017). Deste modo, Oliveira (2017) fundamenta que a sala de aula é um ambiente onde o protagonismo de ensinar e aprender desenvolve a construção do conhecimento, em que o afeto é indispensável.

Sob o mesmo ponto de vista, o autor Sérgio Antônio (2008) em sua obra “Afetividade e Práticas Pedagógicas”, aborda a temática pela perspectiva de outros estudos realizados por diferentes autores. No capítulo, “Dimensões afetivas entre professor-aluno”, Tassoni (2008), procura entender o papel da dimensão afetiva no desenvolvimento do ser humano. Para tanto, realizou uma pesquisa de campo entre os anos de 1997 a 2000, em uma escola privada na cidade de Campinas- São Paulo, com o intuito de observar como a afetividade estava presente nas relações entre professor e estudantes.

Em sua pesquisa Tassoni (2008), realizou observações em três turmas com alunos de seis anos, durante as atividades propostas pelos professores envolvendo a linguagem escrita. A ideia era identificar os aspectos de natureza afetiva que de algum modo contribuíssem para o desenvolvimento dos alunos. Para isso, a coleta de dados se deu por um conjunto de aspectos, a saber: 1) as interações entre professores e alunos destacando os comportamentos de ambos nas atividades que envolviam a linguagem escrita; 2) relatos verbais dos alunos pesquisados em sessões de autoscopia; 3) relatos das professoras por meio de entrevistas. Segundo a autora, a observação permitiu investigar as intervenções das professoras nas atividades propostas, desde o tom da sua voz até o modo como se posicionavam em relação as dúvidas dos alunos, possibilitando reconhecer a dimensão afetiva em todo o processo de aprendizado.

Por meio da coleta dos dados, Tassoni (2008) percebeu que as interações entre professores e estudantes ocorrem, principalmente, por expressões posturais e a partir da linguagem oral. Portanto, “ao analisar as falas e comportamentos de professores e alunos, foi possível identificar pistas que permitiram inferir o tipo de sentimento que permeava as relações em sala de aula, possibilitando uma maior compreensão do ato pedagógico” (TASSONI, 2008, p. 57). Assim, os próprios alunos, no decorrer das análises, argumentavam que a postura do professor influenciava a aprendizagem, isto é, o convívio em sala de aula pode afetar positiva ou negativamente suas relações com o objeto de conhecimento.

Considerando a pesquisa realizada pela autora, nota-se que a sala de aula não está isenta dos sentimentos e emoções. A atenção que o docente direciona ao estudante, o modo como conduz as atividades e ainda o seu comportamento nas diferentes situações

em todo ato pedagógico, contribuem para o aprendizado dos educandos, uma vez que propicia o entrelaçamento entre os aspectos afetivos e cognitivos.

3.2 AS RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Com o advento das teorias filosóficas, sociológicas e psicológicas centradas nos determinantes sociais, culturais e históricos da constituição humana, surgiram novas formas de compreensão do próprio homem. Por meio disto, percebe-se que afetividade e cognição funcionam como dimensões indissociáveis do processo de ensino, deixando de ser analisadas separadamente, ou seja, a construção do conhecimento não se dá de forma isolada e não se apresenta puramente no campo cognitivo (GOMES, 2013). Neste sentido, pensar na mediação pedagógica imbuída de afetividade permite analisar o impacto que as mesmas produzem nas relações entre professor-aluno, como também aluno e o objeto de conhecimento.

Portanto, o professor em seu planejamento deve assumir algumas decisões que no seguimento prático terão inevitáveis consequências afetivas estabelecidas entre o aluno e os conteúdos específicos de ensino. Para Salzberger-Wittenberg (1990), o professor ocupa posição importante nos processos mentais dos educandos, uma vez que ele é o intermédio entre o aluno e o objeto de conhecimento. Com isso, a qualidade da mediação pedagógica é um dos principais fatores determinantes para a qualidade dos vínculos estabelecidos entre os sujeitos e os conteúdos escolares.

Levando em consideração os pressupostos de Henri Wallon (1879- 1962), a afetividade concerne na capacidade do ser humano de ser afetado pelos acontecimentos ao seu redor e por aspectos internos relacionados ao funcionamento do psíquico, já que os sentimentos são sinalizadores que evidenciam como o indivíduo está sendo afetado (SOUSA, 2011). Assim, as experiências vivenciadas na sala de aula provocam sentimentos que assinalam as relações dos alunos com o conhecimento. Deste modo,

A afetividade também se expressa através de outras dimensões do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula. Na realidade (...) está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor (LEITE & TASSONI, 2002, p. 129).

Nesta perspectiva, a afetividade é aspecto que contribui para o desenvolvimento educacional, já que a maneira como ocorre a mediação pedagógica pode provocar nos

educandos impactos afetivos positivos, possibilitando uma aproximação dos assuntos estudados. Bem como efeitos negativos, de modo que o aluno tenha resistência, e ou afastamento do processo de ensino. Para Pereira (2017, p. 25), “a construção dos conhecimentos é resultado tanto das interações de natureza histórica, quanto social e biológica, por isso é primordial lidar com dimensão afetiva, uma vez que se busca uma educação para o desenvolvimento integral do aluno”. Em síntese, a afetividade pode contribuir com o desenvolvimento dos processos cognitivos dos educandos.

3.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A EDUCAÇÃO

Para tratar a afetividade a partir do viés psicanalítico, é fundamental ter uma compreensão a respeito da relação que a psicanálise pode manter com a educação. De acordo com Franco & Albuquerque (2010), essa relação se dá pela contribuição dos estudos psicanalíticos sobre o desenvolvimento humano, como também dos conhecimentos a respeito dos aparelhos psíquicos. Permitindo compreender os mecanismos conscientes e inconscientes de todo comportamento humano, evidenciando a importância em conhecer a história pessoal de cada sujeito. Assim,

A reflexão psicanalítica aplicada ao domínio pedagógico permitiu reconhecer a enorme diversidade de factores envolvidos na aprendizagem. Um dos seus contributos, especialmente importante, adveio do relevo dado aos aspectos mais escondidos na educação e na aprendizagem, nomeadamente os aspectos inconscientes da relação educativa (FRANCO & ALBUQUERQUE, 2010 p. 175).

Esse entrelaçamento entre os dois campos permite que os professores reflitam sobre os processos educativos a partir dos conceitos de transferência e contratransferência; consciente e inconsciente, entre outros. Por meio deles, é possível entender a relação projetiva no quadro da aprendizagem presentes nos vínculos entre educador e educando, bem como o compreender os significados e motivos das angústias e medos presentes nessa relação. (FRANCO & ALBUQUERQUE 2010). Além de identificar o papel das pulsões, desejos (desejo de querer saber) e motivações presentes no ato educativo.

Com base nos estudos de Sigmund Freud, outros autores buscaram compreender como se dá o desenvolvimento humano, entre eles: Ana Freud, Melanie Klein, Renée Spitz, e outros. Mas, esses autores se voltaram para pesquisas relacionadas ao desenvolvimento infantil, tendo um maior aprofundamento nos processos psico-afetivos

e de pensamento das crianças. Assim, todos eles procuram descrever como o sujeito que aprende é visto e interpretado, reconhecendo os diversos fatores envolvidos na aprendizagem. Por isso, as teorias psicanalíticas contribuem para o entendimento dos vínculos afetivos presentes na relação entre professor e aluno.

3.4 A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Primeiramente, é essencial entender o significado etimológico da palavra transferência, uma vez que a mesma apresenta-se como um fenômeno que engloba vários sentidos. Dessa forma, Zimerman (2010, p. 331) salienta que

Etimologicamente, a palavra “transferência” resulta dos étimos latinos *trans* e *feros*. O prefixo “*trans*”, além de outros significados possíveis, também alude a passar através de (como em “transparente”), ou passar para um outro nível (como em trânsito), enquanto “*feros*” quer dizer “conduzir”, e creio que basta essa compreensão etimológica para caracterizar a essência do fenômeno transferencial.

Ainda segundo o autor, a transferência é tratada como um substantivo coletivo, embora escrita de forma singular engloba uma pluralidade de sentidos presente em todas as relações, mas que a princípio estava reservada especificamente aos processos psicanalíticos. Sendo um termo que se deu origem por meio das experiências analistas de Freud, em sua obra “Estudos sobre a histeria (1895)”, o psicanalista salienta que essas relações transferenciais funcionavam como resistência ao tratamento, falsas conexões do paciente para o terapeuta. Porém, essa concepção foi modificada a medida em que vivenciava novas situações com seus pacientes. (ZIMERMAN, 2010). Neste sentido, é válido observar como o fenômeno transferencial pode se apresentar nas relações pedagógicas entre educador e educando.

Diante de todo o processo educativo, nota-se que a relação professor-aluno apresenta alguns fenômenos que são impulsores para investigação, no que tange entender até que ponto este vínculo pode contribuir ou afetar a aprendizagem dos educandos. Para isso, alguns fatos são questionados: por que o professor marca o trâmite intelectual de alguns alunos, no sentido de ser um ponto de referência para o estudante? Como explicar as reações de resistência dos alunos ao desafiarem a autoridade do professor? Com base nesses aspectos, busca-se com o auxílio da Psicanálise compreender os determinantes psíquicos da aprendizagem, assim como perceber as implicações da afetividade atrelada ao fenômeno de transferência.

A transferência na relação entre educador e educando, ou transferência pedagógica, trata-se dos conteúdos afetivos que os alunos destinam à figura do professor. Na obra “Vocabulário da psicanálise”, os autores Laplanche e Pontalis (1983) afirmam que a transferência “designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica” (p.514). Logo, se trata de uma repetição de protótipos infantis vividas, de forma que tenha um sentimento de atualidade acentuada, quer dizer, inconscientemente o aluno tem a sensação que determinada situação aconteceu no presente. Ademais, a transferência para Freud, trata em particular de um deslocamento do afeto determinada representação para outra.

Igualmente, Lacan (1998) não se preocupou especificamente na relação transferencial entre professor e aluno, mas articulou fundamentos teóricos sobre a transferência que contribuiu para o campo da educação. Em sua obra “O seminário, livro 8: A transferência(1960-1961)”, o psicanalista ressalta que a intersubjetividade deve ser evitada para que outra modalidade de transferência possa vir aparecer, mesmo que seja acompanhada pelo sentimento de amor. Paralelamente, utilizou “O banquete” de Platão, para abordar o amor de transferência, levando em conta o diálogo entre Sócrates e Alcebiades, destacando que Sócrates queria saber mais sobre o amor, apontando a falta como parte inerente para a relação amorosa.

Assim, “a relação amorosa é incompleta, já que o que falta no amante, o amado não tem para dar, estando a transferência situada entre o amor e o desejo na procura pelo incompleto” (COELHO & RAPHAEL, 2013 p.22). Para Lacan (1982), o conceito de transferência “é determinado pela função que tem numa práxis” (p.124). Ou seja, ocorre na relação em que um se apresenta para o outro como função simbólica do saber, quer dizer, o sujeito se coloca na posição daquele que não sabe e situa o outro membro da relação, no lugar daquele que possui um determinado conhecimento. Se tratando à educação, o vínculo entre professor e estudante precisa dar espaço para a relação transferencial ligada ao desejo de saber, em outras palavras, a “falta” na relação professor-aluno dá lugar ao desejo de querer saber, uma vez que o educando estará em um processo de descoberta do conhecimento. Mediante o exposto, Pereira (2017), salienta que a relação transferencial entre professor e aluno acontece por existir uma desigualdade de

saberes entre ambos. Nessa parceria, o professor possui uma bagagem científica desejada pelo aluno, algo que almeja ter. Freud (1914) destaca que,

[..] é difícil dizer se o que teve mais influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. [...] para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores (volume XIII, p. 286 apud SILVA, 2006, p. 167).

Portanto, percebe-se que a relação entre professor e aluno também está atrelada por transferências, uma vez que o aluno tanto pode atribuir ao professor experiências advindas do passado de maneira positiva (afetuosa) como negativa (hostil), isto é, essa relação pode ser amigável ou submetida ao ódio. Nesse contexto, transferir traz algumas implicações para o professor, já que se torna um depósito de algo que pertence ao aluno, de modo que o docente tenha uma importância especial de poder.

Em vista disso, para que haja melhor entendimento sobre a relação afetiva entre educador e educando, a partir do viés psicanalítico, é fundamental fazer uma diferenciação no que diz respeito os tipos de transferências, seja ela afetuosa e/ou hostil. Considerando os estudos de Pereira (2017), as relações de transferência positiva estão intimamente ligadas as pulsões advindas da libido, se tratando especialmente dos sentimentos carinhos relacionados ao analista, acentuados sob a forma de amor não sexual. No teor pedagógico, a transferência positiva ocorre “quando o professor aceita a transferência, acata a ternura respeitosa e afetuosa do aluno para ajudá-lo, mas traz o conhecimento que legitima sua autoridade pedagógica, uma autoridade que lhe é outorgada pelo aluno” (ORNELLAS, 2005, p.178-179 apud PEREIRA, 2017, p. 29). Em suma, é notório que a relação de transferência positiva é de fundamental importância nos vínculos estabelecidos entre o professor e estudante, visto que pode contribuir na qualidade do ensino.

Para Zimerman (2010, p.338), por transferência negativa entende-se “a predominância das pulsões agressivas, com os seus inúmeros derivados, sob a forma de inveja, ciúme, rivalidade, voracidade, ambição desmedida, algumas formas de destrutividade, as eróticas incluídas, etc.”. Se tratando do contexto escolar, a partir do momento em que o aluno investe na imagem do professor detentor de tantos saberes, o mesmo pode se colocar em um patamar de inferioridade, onde se percebe como um ser de pouca bagagem científica e que dificilmente alcançará tal capacidade, dificultando a

construção dos conhecimentos. Com efeito, essa situação acontece, de acordo com Pereira (2017), quando o aluno está movido por inveja e sentimento de culpa, apresentando dificuldade de aprender com o professor que idealiza, uma vez que tais aspectos prejudicam o acesso ao conhecimento. Além disso, o aluno deixa de tratar o conhecimento como alimento essencial para o seu desenvolvimento cognitivo e passa a ser apenas um especialista em realizar atividades solicitadas. Por fim, a transferência negativa faz com que o aluno tenha ódio pelo professor e passa a desacatar os seus comandos, para solucionar este impasse, o educador precisa utilizar mecanismos que possibilite o aluno se enxergar como protagonista no ensino e aprendizagem e o professor será o mediador destes processos de desenvolvimento.

Destarte, percebe-se que a transferência pedagógica tanto pode contribuir com o desenvolvimento intelectual dos alunos, como desencadear consequências negativas, uma vez que a relação professor e aluno é uma teia complexa repleta de diferentes sentidos e representações. Em resumo, a psicanálise possibilita que o docente entenda essa intrincada relação (educador/educando), de modo que perceba a importância do autocontrole diante dessas manifestações afetivas, amorosas ou de pura rejeição dos alunos. Contudo, Pereira (2017) salienta que a divisão da transferência como sendo positiva e negativa ficou insuficiente para a compreensão de outros fenômenos presente na relação entre os sujeitos. Por isso, surgiram diferentes concepções a respeito da transferência, sobretudo na relação entre analista e paciente, a saber: transferência especular, idealizadora, erótica e erotizada, e perversa.

4. RESULTADOS E DISCURSÕES

A partir do questionário realizado com os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública da cidade de Balsas -MA, foi possível perceber o que os professores entendem sobre a afetividade no contexto do ambiente escolar e a forma como os mesmos enxergam a relação entre professor e aluno dentro da sala de aula. Para transcrever os posicionamentos dos sujeitos pesquisados, os professores serão representados pelo número correspondente de 1 a 18.⁵

⁵ O questionário foi aplicado com dezoito professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede Municipal de ensino da cidade de Balsas, MA. Contudo, durante a análise e interpretação dos dados serão

Primeiramente, foi perguntado à eles se os aspectos cognitivos e afetivos podem ser vistos e/ou trabalhados separadamente. Seguindo a perspectiva do professor 1, “*esses aspectos devem andar juntos*”, o professor 2 também sustenta o mesmo pensamento ao afirmar “*que os dois aspectos são importantes para o desenvolvimento do aluno*”. Quando se trata da qualidade de ensino e aprendizagem, é preciso levar em consideração o desenvolvimento do educando, a sua evolução de forma integral e para que isso ocorra os professores precisam na sua prática pedagógica elaborar atividades que estimulem os diversos sentidos que fazem parte do ser humano.

Ao mesmo tempo em que os professores demonstram um consenso a respeito de que o cognitivo se conjuga ao afetivo, constatam também que o conceito de afetividade no ambiente escolar ainda é pouco compreendido, pois quando questionados sobre o que entendiam por afetividade na educação 44,4% dos professores disseram que é aquilo que afeta e 38,9% destacaram que a afetividade é uma palavra possível de diversas interpretações. Diante disso, percebe-se que ainda se faz necessário compreender a razão desta relação na constituição do saber dos educandos, e para que isso ocorra

[...]precisamos, primeiramente, compreender o psiquismo humano como um sistema complexo que funciona relacionando processos biológicos, psicológicos e sociais e que tem nas categorias de atividade e consciência seu núcleo de sustentação e desenvolvimento (GOMES, 2013. p. 04).

Deste modo, podemos considerar que o conhecimento não se assenta apenas sobre as bases cognitivas, uma vez que a aprendizagem precisa levar em conta o pleno desenvolvimento do aluno, isto é, o professor precisa em sua prática pedagógica estimular a autonomia, que possam refletir sobre suas ações cotidianas e consigam resolver situações nas diversas áreas de suas vidas. Além disso, foi apresentado no decorrer do questionário uma escala de 0 a 10 para que os professores pudessem, a partir da sua perspectiva sobre a temática e considerando suas práticas educativas, assinalar a intensidade de investimento (seja no aspecto afetivo ou cognitivo), onde acreditavam que desencadearia um bom desempenho no processo educativo. No decorrer da análise, percebe-se que a maioria dos docentes consideram importante destinar mais atenção à

apresentados apenas sete falas dos sujeitos pesquisados, visto que os demais posicionamentos apresentam a mesma ideia.

cognição, já que é um campo em que os alunos desenvolvem a capacidade lógica, a linguagem, a memória e etc.

Para Gomes (2013) ao tornar a unidade afetivo-cognitiva como princípio do ato pedagógico, a educação escolar passa a ser trabalhada como provedora de experiências positivas por meio do objeto do conhecimento, de forma que motive os estudantes o desejo de conhecer e de se apropriar do saber. A partir do momento em que a escola trata as vivências afetivas dos educandos como algo que acontece fora dela, faz do campo cognitivo o único responsável pelo progresso intelectual, ou seja, desconsidera a afetividade como parte intrínseca da psique humana.

A partir dos escritos de Sigmund Freud (1937), o professor Moura (2019) em seu livro “A psicanálise vai à escola”, afirma que existem três profissões consideradas impossíveis para atuar de forma efetiva, são elas: governar, analisar e educar. Tais profissões são carregadas de intencionalidades e englobam diversos fatores que podem tanto contribuir positiva como negativamente para o meio social, já que são tarefas nas quais os sujeitos necessariamente precisam ter uma carga de conhecimentos científicos para a sua atuação e que leve em consideração o bem comum. Os estudos psicanalíticos de Sigmund Freud (1939), possibilitou um novo modo de olhar a criança e a infância, uma vez que a mesma pode ser utilizada em diversas áreas do conhecimento, sobretudo para a pedagogia.

Segundo Albuquerque (2010), a psicanálise fornece à pedagogia elementos para reflexões acerca dos processos educativos por meio dos mecanismos de transferência e contratransferência, que funcionam como subsídios de identificação projetiva no quadro da aprendizagem e na relação entre educador e educando. Neste sentido, ao abordar a interação existente no ambiente escolar, de 18 professores pesquisados, 9 deles afirmam que o olhar para com o aluno, o tom de voz ao falar com o educando, como também os momentos de tirar dúvidas sobre os conteúdos estudados pode afetar a relação entre professor e aluno, pois a sua postura nestes momentos contribuem para o desejo de querer aprender dos educandos.

Logo para o professor 3 *“a relação entre professor e aluno afeta sim positivamente ou negativamente. A postura do professor o modo como é construída essa relação é que faz toda a diferença no aprendizado”*. Considerando que a sala de aula é

um ambiente no qual existem pessoas que possuem características e pensamentos distintos, é válido refletir sobre a postura dos professores diante dos acontecimentos corriqueiros da sua prática pedagógica. De acordo com o professor 4 *“é muito importante que o professor mantenha uma postura calma e receptiva, para que esse aluno tenha abertura para falar com o mesmo”*, em seguida, o professor 5 salienta que *“a aprendizagem em sala de aula depende muito do relacionamento professor-aluno. Se tiver uma boa comunicação entre ambas as partes, a aprendizagem flui”*.

Levando em conta as respostas apresentadas no questionário, os professores destacam que a maneira como reagem às circunstâncias diárias da sala de aula pode afetar a relação entre educador e educando. Tomando como base a perspectiva dos sujeitos pesquisados, serão apresentados alguns conceitos psicanalíticos, especificamente o fenômeno transferencial, como tentativa de explicar as afirmações apresentadas pelos docentes. Para Mrech (2003, p. 63),

As relações professor-aluno passaram a ser concebidas tendo por base as relações afetivas construídas a partir de conteúdos extraídos da transferência positiva (relações de amor, aceitação, respeito, etc.) e transferência negativa (relações de ódio, afastamento, rejeição, desrespeito, ataque, etc.).

O fenômeno transferencial é inevitável e se apresenta nas diversas relações entre os sujeitos, neste artigo será levado em consideração as transferências positivas e negativas apresentadas a partir das interações entre os indivíduos, se tratando especificamente do ambiente escolar. Assim, pode-se vislumbrar a manifestação da transferência positiva no processo educacional a partir do consentimento dos professores pesquisados quando consideram que para a aprendizagem acontecer de forma efetiva é preciso levar em consideração a interação entre alunos e professores, como também a boa comunicação entre eles, uma vez que apresentam os sentimentos afetuosos e amistosos entre educador e educando. Para Moura (2019, p.121), “[...] a transferência positiva é um jogo de amor, no qual o professor ora está no lugar de amado, lugar que lhe é outorgado por seu aluno, ora está no lugar de amante, momento em que se coloca como ser faltante.” Deste modo, observa-se que a transferência positiva é imprescindível no ato pedagógico, visto que pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, facilitando a relação harmoniosa dentro da sala de aula.

Visto que a transferência é um fenômeno caracterizado por sua complexidade que engloba os desejos inconscientes, e que possui diversos sentidos a partir da expectativa destinada à outra pessoa, é válido salientar que a transferência negativa também pode se fazer presente na relação entre professor e aluno (MRECH, 2003). Isto é, quando o aluno transfere para o professor a imagem da mãe rigorosa ou do pai que controla demais, possivelmente o aluno terá uma resistência para se aproximar do docente, já que desencadeou apoiado nas experiências vivenciadas no ceio familiar, sentimentos negativos.

Dessa forma, existem algumas situações que os professores acreditam que podem afetar negativamente tanto a aprendizagem dos estudantes quanto a relação professor-aluno. Segundo o professor 6 *“a falta de domínio de sala já é algo que afeta o aprendizado da sala inteira”*, enquanto o professor 7 acredita que *“afeta aparti do momento em que o professor atende mal o aluno e sai da sua postura de educador”*. Logo, esta *“falta de domínio de sala”* pode ser uma consequência da transferência negativa, já que os alunos não atendem aos pedidos do professor e/ou desrespeitam a sua autoridade dentro da sala de aula.

Em seu escrito *“A dinâmica da transferência”*, o psicanalista Sigmund Freud cita Bleuler (1910) ao constar que a transferência negativa surge como uma ambivalência de sentimentos, a saber, um estado simultâneo de sentimentos conflitantes destinado à uma pessoa. Assim, torna-se fundamental que os professores utilizem estratégias para conquistar a confiança deste aluno, seja tratando de forma afetuosa ou fazendo-o perceber que dentro da sala de aula para que aconteça uma aprendizagem de qualidade os alunos e professores precisam andar juntos. Por isso, é necessário converter a situação da transferência negativa, tendo em vista que este fenômeno pode afetar o desejo de querer saber do aluno.

Para Mesquita e Duarte (1996, p. 2005) a transferência é um

Processo de aprendizagem em que um conhecimento adquirido facilita a aquisição de outro análogo (transferência positiva, por exemplo, saber andar de bicicleta facilita a aprendizagem da condução de uma motorizada) ou interfere nessa nova aquisição (transferência negativa, por exemplo, saber jogar pingue-pongue interfere na aprendizagem das técnicas de tênis).

Em suma, compreende-se que a transferência tanto pode contribuir para a aprendizagem dos educandos, uma vez que possibilita melhor interação com objeto de

conhecimento, como pode impedir melhores resultados no desenvolvimento dos alunos, considerando as diversas resistências que podem se manifestar neste processo.

Portanto, pensar a afetividade na relação estabelecida entre os professores e alunos a partir das teorias psicanalíticas, possibilita que a comunidade escolar reflita sobre as implicações desta no processo de aprendizagem dos alunos, permitindo aos professor repensar na sua maneira de agir dentro da sala de aula, como também a forma como se dirige ao educando, pois o mesmo pode estar carregado de desejos transferenciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que a afetividade pode ser interpretada por diversos sentidos, buscou-se por meio deste artigo refletir sobre a razão de ser da mesma no ambiente educacional, uma vez que se refere tanto aos sentimentos e emoções quanto sobre aquilo que afeta o outro. Neste sentido, o fazer pedagógico do professor deve levar em consideração o pleno desenvolvimento do aluno, ou seja, olhar o educando como um ser repleto de intencionalidade, subjetividade e historicidade. A educação não deve ser tratada como uma “caixa” para padronizar os indivíduos, mas sim como um meio de emancipar e tornar seres capazes de refletir sobre o meio social.

Assim, por meio deste trabalho foi possível perceber que a afetividade na relação professor-aluno possibilita compreender os mecanismos que se encontram por detrás das interações entre os sujeitos que se apresentam na sala de aula, além de permitir ao professor perceber o que pode ser aperfeiçoado nas suas práticas pedagógicas. Após analisar as devolutivas do questionário, nota-se que embora os professores entendam que a cognição não é a única responsável pela aprendizagem dos educandos, ainda é necessário compreender como a afetividade pode se apresentar na educação, e de que maneira pode contribuir para a formação dos alunos. A sala de aula é um ambiente no qual se encontram pessoas com diferentes modos de ver e agir no mundo, por isso, cabe ao professor levar em consideração a especificidade de cada sujeito, uma vez que cada um aprende de forma diferente.

Os estudos psicanalíticos possibilitam compreender os mecanismos conscientes e inconscientes de todo comportamento humano, além de permitir que a comunidade escolar reflita sobre os diversos fatores envolvidos na aprendizagem dos estudantes. Esta

relação da psicanálise e educação contribui para o pensar nos processos educativos a partir da transferência positiva e negativa, como também entender as projeções que os alunos destinam aos professores. Para que ocorra uma aprendizagem de qualidade, torna-se fundamental que os vínculos entre os sujeitos presentes na sala de aula estejam saturados da transferência positiva, ou seja, quando o professor aceita a ternura afetuosa do aluno e usa disso para as práticas educativas, fazendo que este estudante também tenha essa relação de amor com o objeto do conhecimento. Logo, é imprescindível que os professores e alunos tenham uma relação amistosa, de modo que sintam liberdade para se expressar e trocar ideias sobre os assuntos estudados, já que o professor é o mediador da aprendizagem e não o detentor de verdades absolutas.

Portanto, a maneira como o professor lida com o objeto do conhecimento, como planeja as aulas, a forma como realiza as atividades dentro da sala de aula, a sua postura nas resoluções de problemas, o olhar e a atenção destinada aos educandos pode afetar tanto positiva quanto negativa a aprendizagem dos estudantes. Neste sentido, entende-se que a afetividade vai além das manifestações de carinho entre os indivíduos, ela também se apresenta no modo como os sujeitos são afetados nas diversas situações do cotidiano.

6. REFERÊNCIAS

- COELHO, M.T.A.D.; RAPHAEL, J.K.D. **Psicanálise e educação**: considerações acerca do mestre e da mestria. *Cógitto*, Salvador, n.14, p. 20-23. 2013.
- FRANCO, V. ALBUQUERQUE, C. **Contributos da psicanálise para a educação e para a relação professor-aluno**. Centro de estudos em educação tecnologias e saúde. Viseu 2010, p. 173-198.
- FREUD, S. **A dinâmica da transferência**. In: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (o caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913) – Obras completas, v.10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: ATLAS S.A, 2008.
- GOMES, C.A.V. **O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais**. MARINGÁ: *Psicologia em Estudo*, v. 18, 2013.
- LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**: sob a direção de Daniel Lagache: tradução Pedro Tamen. 4ª ed. SP: Martins Fontes, 2001. [PDF] Disponível em: <<https://docero.com.br/>>. Acessado em 27 de maio de 2020.
- LEITE, S.A.S. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Campinas: *Temas em psicologia*, v. 20, 2012.
- MESQUITA, R. DUARTE, F. **Dicionário de psicologia**. PLÁTANO EDITORA, S.A. 1ª ed. E-2379-96, 1996.
- MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. RJ: VOZES, 2002.
- MOURA, W. G. de. **A psicanálise vai à escola**: um olhar clínico sobre a aprendizagem e suas dificuldades. 1ª ed. São Luís, MA: Editora & Gráfica Expressa, 2019.
- MRECH, L. **Psicanálise e educação**: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- NOGUEIRA, R.K.S.; BARBOSA, A.M.; ZACARIAS, J.C.; MEDEIROS, K.N.; BALBINO, E.S. **A afetividade na relação professor-aluno a partir da teoria**

psicanalítica: um estudo realizado na Escola Pedro de França Reis. AL: EDUCERE, 2013.

OLIVEIRA, I.M. **Nas fronteiras entre o biológico e o cultural, o afeto.** Cad. Cedes, Campinas, v. 35, 2015.

PEREIRA, M.P. **Algumas contribuições da psicanálise à psicopedagogia: a transferência na relação professor-aluno.** Bol.psicol, SP, v. 67, n. 146, p. 25-36, jan. 2017. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432017000100004>. Acessado em 28 de maio de 2020.

RIBEIRO, M.P. **Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor-aluno.** Psic. da Ed., São Paulo, 39, 2º sem. de 2014, p. 23-30.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico.** 23ª ed. São Paulo: CORTEZ, 2007.

SILVA, C.S.R. **A relação dinâmica transferencial entre professor e aluno no ensino.** Ciências & Cognição. Coimbra, v. 8. 2006.

SOUZA, M.T.C.C. **As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico.** São Paulo: Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 17, p. 249-254. 2011.

TASSONI, E.C.M. Dimensões afetivas entre professor-aluno. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.) **Afetividade e práticas pedagógicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, 1ª reimpr. Da 2ª ed. 2008.

TASSONI, E.C.M.; SANTOS, A.N.M. **Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar.** Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 13, 2013b.

TASSONI, E.C.M.; SANTOS, A.N.M. **Afetividade, ensino e aprendizagem:** um estudo no GT20 da ANPEd. São Paulo: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. V 17, 2013a.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática.** Porto Alegre: Artemed, 2007.